

A MEDICALIZAÇÃO E A PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA: O PAPEL DA PSICOLOGIA NESTE CONTEXTO

Suélen Cossettin Battisti¹; Alini Basso de Souza²; Giovana Durigon Alves³;
Luiza Constante Oliveira⁴; Félix Miguel Nascimento Guazina⁵

RESUMO

O artigo tem por objetivo geral refletir sobre a medicalização e a patologização da vida, analisando como o capitalismo impacta na indústria farmacêutica, possíveis estratégias para minimizar a medicalização e o papel da psicologia neste contexto. O trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Assim, realizou-se um levantamento nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online), PEPSIC (American Psychological Association), repositórios de universidades, arquivos do Ministério da Saúde, cartilhas do Conselho Federal de Psicologia (CFP), revistas científicas e livros, entre os meses de janeiro e março de 2022. Concluiu-se que os psicólogos devem ter conhecimento sobre a medicalização e a patologização da vida, pois, através disso poderão elaborar críticas para o seu modo de atuação. Assim, é importante olhar a medicação como uma das possibilidades de tratamento para os transtornos mentais, mas não a única.

Palavras-chave: Capitalismo; Medicamentos; Saúde Mental; Transtornos Mentais.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS).

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, com o avanço da ciência e da medicina, é possível, muitas vezes, saber quais as causas de determinadas doenças, assim como, o que deve ser feito para viver uma vida mais saudável. Embora esse avanço possa trazer inúmeros benefícios, Silva e Canavez (2017) afirmam que traz também uma culpabilização do indivíduo por seu estado de saúde e doença. Isso acaba levando as pessoas a buscarem recursos médicos a partir de qualquer mal-estar, na esperança de que encontrarão a origem do mesmo e, se possível, poderão tratá-lo

¹ Suélen Cossettin Battisti - Universidade Franciscana - suelenbattisti@gmail.com

² Alini Basso de Souza - Universidade Franciscana - alinibasso@gmail.com

³ Giovana Durigon Alves - Universidade Franciscana - durigon.giovana@gmail.com

⁴ Luiza Constante Oliveira - Universidade Franciscana - luizaconstante97@gmail.com

⁵ Félix Guazina - Universidade Franciscana - guazina@gmail.com

ou curá-lo com o auxílio de intervenções médicas, ou de hábitos de vida considerados saudáveis, os quais são bastante divulgados na mídia.

Segundo Brito (2012), ao contrário do que possa parecer, a medicalização não consiste em um processo recente, pois ela acontece dentro da sociedade há mais de dois séculos. Além disso, pode-se notar que após a inserção da medicina na sociedade, as práticas e os discursos sobre saúde e doença sofreram influência da racionalidade médica. Com isso, a partir deste momento, a vida cotidiana começou a se tornar cada vez mais medicalizada, pois o cidadão começou a se familiarizar com as noções médicas difundidas.

A medicalização da vida pode ser considerada em uma das suas facetas, no uso irracional de medicamentos, que podem ser usados com o intuito de “normalizar” as pessoas que fazem seu uso. Contudo, os medicamentos são uma tecnologia de grande valia e impactam de forma positiva nos processos terapêuticos de muitas doenças, no entanto, é necessário dar atenção para o uso indevido, o qual pode trazer danos à saúde e até levar ao óbito. Além disso, é comum que a população veja os medicamentos como o meio mais rápido para solucionar diversos sintomas, o que reflete o imediatismo e a cultura da medicalização que está enraizada na sociedade (BRASIL, 2019).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a medicalização e a patologização da vida. Além disso, pretende-se analisar como o capitalismo impacta na indústria farmacêutica e no uso indiscriminado de medicamentos, o que pode trazer consequências negativas para a saúde dos indivíduos. Como também, buscar possíveis estratégias para minimizar a medicalização e o papel da psicologia neste contexto.

2. METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo desenvolvida a partir da análise de trabalhos já produzidos sobre o referido assunto. Dessa forma, realizou-se o levantamento de produções científicas nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online), PEPSIC (American Psychological Association), repositórios de universidades, arquivos do Ministério da

Saúde, cartilhas do Conselho Federal de Psicologia (CFP), revistas científicas e livros. A busca foi realizada entre os meses de janeiro e março de 2022.

Diante disso, os dados coletados foram analisados a partir do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), o qual é estruturado por um período inicial de pré-análise, seguido por uma exploração do material e, por último, pelo tratamento dos resultados. A pré-análise objetiva elaborar hipóteses e objetivos, selecionar documentos e desenvolver uma interpretação final, definindo assim, os materiais que serão utilizados para a produção deste artigo. A etapa final é nomeada de tratamento dos resultados, destinando-se à interpretação dos materiais recolhidos (BARDIN, 2016).

Com base na análise realizada produziu-se as seguintes categorias: A medicalização e patologização da vida cotidiana; Como o capitalismo impacta na indústria farmacêutica e conseqüentemente na medicalização da vida; Possíveis estratégias para minimizar a medicalização e o papel da psicologia neste contexto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. A MEDICALIZAÇÃO E PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

A medicina trouxe a ideia de um padrão e modelo de saúde, gerando a idealização de uma forma correta de viver para que o sujeito se mantenha saudável. Tal ideia também alimenta a crença de que é necessário utilizar a medicalização para aliviar qualquer mal estar existente, mesmo que seja derivado de algo natural do ser humano. Diante disso, é perceptível que a visão médica, por vezes, descarta o contexto em que a pessoa está inserida, assim como a sua subjetividade, analisando apenas o biológico (FARIA; FERREIRA; PINTO, 2019).

Dessa forma, entra-se em um processo que busca igualar a maneira de existir, o que pode prejudicar a expressão do ser, impedindo a existência de qualquer funcionamento que fuja do idealizado pela medicina. Com isso, salienta-se que a medicalização acaba desumanizando o ser humano, transformando todos em algo similar, o que acaba produzindo mais sofrimento. Salienta-se então, que o incentivo da medicalização gera uma ideia de modificação nas experiências e

sofrimentos ocorridos no cotidiano dos sujeitos, fazendo com que se tornem dependentes de tratamentos médicos (FARIA; FERREIRA; PINTO, 2019).

A atualidade está transformando a maneira como as pessoas lidam com as situações da vida, o que antes era gerido de forma mais espontânea, modificou-se devido a inúmeros fatores, como a evolução ligada à tecnologia, a mercantilização da saúde e as propagandas da mídia. Desta forma, é importante destacar que esse processo medicalizante existe e envolve a indústria médica/farmacêutica, o sistema de saúde e a comunidade. Assim, os profissionais da saúde têm um lugar importante na disseminação de informações sobre essa temática, pois podem contribuir tanto para incentivar, como para amenizar a utilização dos medicamentos (BORTOLI; KOVALESK; MORETTI-PIRES, 2019).

A existência da medicalização como um sintoma social vem abarcando um público cada vez mais jovem, pois os adolescentes estão fazendo o uso de substâncias sem um devido acompanhamento profissional. Eles entendem que essa é a forma mais prática para solucionar suas questões emocionais, sem procurar por um auxílio médico ou psicológico. Isso pode se tornar um risco para a saúde, pois todo e qualquer problema que surgir será remediado e não passará por um processo de análise que busca desvendar o real motivo da queixa (CARVALHO, 2019).

A intervenção medicamentosa pode acabar diminuindo a subjetividade das vivências humanas, convertendo os possíveis sofrimentos dos indivíduos em adoecimentos, impossibilitando outras formas de conduzi-los. Essa situação é chamada, por vezes, de medicalização social. A visão médica tende a converter as queixas dos indivíduos em questões biológicas, desconsiderando a realidade vivenciada, dirigindo toda e qualquer intervenção ao uso medicamentoso e/ou procedimentos cirúrgicos. Neste contexto, surgiu no Brasil o “Acolhimento”, que possibilita uma visão mais ampla sobre o sujeito atendido e suas demandas, o que contribui para que sejam pensadas inúmeras maneiras de conduzir o cuidado. Esse serviço desconstrói a visão do médico como o único possuidor do saber voltado ao cuidado e amplia a participação dos outros profissionais (TESSER; NETO; CAMPOS, 2008).

3.2 COMO O CAPITALISMO IMPACTA NA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA E CONSEQUENTEMENTE NA MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

O modelo capitalista de produção, vem comandando a sociedade atual, direta ou indiretamente, demarcando os modos de vida e a forma de se relacionar economicamente e socialmente na maioria do mundo. As necessidades humanas ficaram cada vez mais capitalizadas e um dos motivos foi a posse da saúde como forma de acumulação de capital pela medicina e pela indústria farmacêutica. Esses setores se consolidaram como os detentores do conhecimento e do poder de cura (ROCHA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018).

Na sociedade contemporânea, a saúde transformou-se em uma espécie de produto, o qual pode ser frequentemente comprado, muitas vezes, através da medicalização que promete garantir uma maior qualidade de vida. Assim, na medida em que as condições que estruturam a sociedade acabam produzindo um sofrimento nos sujeitos, também surgem oportunidades para que se criem meios de minimizar esse mal-estar produzido. Portanto, o que acontece na atualidade é que além do capitalismo produzir novas patologias, ele ainda desenvolve as tecnologias para tratá-las, o que ocasiona um circuito de consumo (MORAES, 2013).

Atualmente, a indústria farmacêutica é a segunda no mundo na questão de faturamento, pois os medicamentos se tornaram parte da rotina das pessoas. O uso contínuo dessas drogas lícitas pode tornar a vida de uma pessoa mais tranquila. Porém, alguns medicamentos, como para emagrecimento ou com finalidade comportamental, acabam sendo usados sem recomendação médica, podendo causar efeitos indesejáveis, além da crença de que os problemas da vida podem ser resolvidos por meio de pílulas (CFP, 2012).

Silva (2019) aponta que é desconsiderado as fontes geradoras que levam a desenvolver o adoecimento na sociedade capitalista, principalmente quando refere-se a problemas de saúde mental. Diante disso, os psicofármacos, ao proporcionar alívio para as doenças, mascaram os elementos socioculturais que favorecem o surgimento delas, através da sedação do indivíduo àquele sofrimento.

Os avanços tecnológicos contribuíram bastante para a disseminação de uma busca desgastante pela felicidade. Segundo Castiel (2013), em uma sociedade

capitalista, estar feliz é ter a esperança de que se pode conquistar a felicidade algum dia. Neste sentido, enquanto as pessoas forem influenciadas, através das mídias digitais, de que existe uma felicidade que pode ser conquistada, ou seja, comprada, elas estarão “felizes” (CASTIEL, 2013).

O consumo de psicofármacos é uma tecnologia que se encontra intensificada e naturalizada, a qual passou a definir as condições de saúde de uma sociedade ao silenciá-la. O acesso a serviços de saúde pública tem disponibilizado, em especial os serviços de saúde mental, uma expansão do tratamento medicamentoso. Muitas vezes, antes de qualquer outra possibilidade, o medicamento passa a ser a principal forma de cuidado imediato, o que se torna um grande problema em nossa atualidade (SILVIA; MENDES, 2019).

3.3. POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR A MEDICALIZAÇÃO E O PAPEL DA PSICOLOGIA NESTE CONTEXTO

Logo após a Segunda Guerra mundial, houve uma ascensão da Medicina e da indústria farmacêutica com o descobrimento dos antibióticos, hormônios e o uso das vacinas, o que resultou em uma mudança na forma em como as doenças eram tratadas e prevenidas. Porém, essa revolução terapêutica trouxe consigo uma mudança de pensamento, pois a sociedade passou a enxergar os medicamentos como uma espécie de “pílula milagrosa”, capaz de sanar qualquer sofrimento. Diante disso, a Medicina adquiriu um status de poder que antes era ocupado pela igreja e pelas leis, o que lhe conferiu a possibilidade de controlar a sociedade através do seu saber (FREITAS; AMARANTE, 2017).

Na atualidade, esse modo de pensar ainda está bastante presente, por isso, existe um incessante incentivo para que as pessoas resolvam suas questões com o uso de medicamentos. E isso é fortalecido com as mídias por meio de propagandas, visando disseminar a ideia de que a utilização de medicação é sempre boa. Para minimizar essas questões do uso indiscriminado de medicamentos, os profissionais da saúde devem se atentar para a questão da medicalização dos pacientes, se o uso é indicado e seguro (BRASIL, 2019).

Sendo a Psicologia uma das profissões da área da saúde, é importante que os psicólogos tenham conhecimento sobre a dinâmica da medicalização e da patologização da vida, pois, a partir disso, será possível elaborar críticas no seu modo de atuação. Neste sentido, os profissionais devem buscar contribuir para o desenvolvimento de uma clínica psicológica que saia do modelo medicalizante, o qual visa a normatização das diferenças, para então priorizar a singularidade de cada indivíduo. Assim, devem desempenhar uma prática pautada na ética do cuidado, sem cair na lógica de encontrar uma solução mágica para as questões humanas (SILVA; CANAVEZ, 2017).

Alguns dos motivos para essa medicalização da vida são a baixa aderência da população aos meios não farmacológicos de tratamento e a grande disponibilidade de medicamentos, o que faz com que os indivíduos vejam os psicotrópicos como a principal forma de acabar com seu sofrimento psíquico. Desta forma, no mundo ocidental moderno, existe uma visão fragmentada do ser humano, o que facilita a utilização de medicamentos como forma de aliviar os sintomas e naturaliza esta prática (FILARDI *et al.*, 2021).

Diante disso, é necessário repensar o papel da medicalização como a única possibilidade de tratamento para os transtornos mentais, pois isso acaba levando a um processo de normalização. Desta forma, é perceptível que essa apropriação da medicina sobre o sofrimento psíquico pode ser bastante prejudicial, porque os indivíduos que não possuem nenhuma patologia buscam se enquadrar em algum tipo de diagnóstico para tentar explicar o seu sofrimento. Neste viés, a medicalização alerta para um problema que vai para além do campo individual, sendo uma questão de saúde coletiva (AZEVEDO, 2018).

Segundo Freitas e Amarante (2017), o primeiro passo para desconstruir a medicalização da vida seria a tomada de consciência sobre a complexidade deste termo, pois ele vai muito além do uso de medicamentos. Os autores afirmam que esse mal-estar individual e coletivo de fato é real e sempre existiu, mas o que mudou ao longo do tempo foi a forma como as pessoas lidam com ele. Para eles, não basta sair dessa lógica medicalizante, é necessário ampliar os conhecimentos sobre os outros tipos de tratamento. Além de desenvolver políticas a respeito das

propagandas de medicamentos e legislações que regularizem a aliança entre a indústria farmacêutica e a Medicina.

4. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os medicamentos impactam de forma positiva nos processos terapêuticos, porém, é necessário dar atenção ao uso indevido, o qual pode trazer danos à saúde. Diante disso, a medicalização vem se tornando parte da rotina dos indivíduos dentro da sociedade. Logo, a indústria farmacêutica é a segunda no mundo na questão de faturamento. Assim, existe um grande incentivo da sociedade e das mídias sociais para que os indivíduos resolvam os seus problemas através de medicamentos, e isso faz com que grande parte da sociedade seja influenciada a utilizar esta medicalização em sua rotina diária.

Enquanto as pessoas forem influenciadas através das mídias digitais, os medicamentos continuarão sendo sucesso de vendas, pois as justificativas fazem com que a sociedade acredite que assim atingirão a felicidade plena. Assim, a medicalização é apresentada como o uso generalizado de medicamentos, sendo uma estratégia central para o tratamento de doenças e prevenção de riscos. Ademais, a medicina, juntamente com a indústria farmacêutica, aumentam os diversos produtos de medicalização da vida, com o intuito de criarem meios de minimizar o mal-estar produzido pela sociedade.

Por fim, é importante salientar que os profissionais da Psicologia devem ter conhecimento sobre a dinâmica da medicalização e da patologização da vida, pois, a partir disso, é que poderão elaborar críticas para o seu modo de atuação. De modo que, priorizem sempre a singularidade de cada indivíduo, sem seguir a lógica de encontrar uma solução mágica para as questões humanas. Assim, é necessário olhar a medicação como uma das possibilidades de tratamento para os transtornos mentais, mas não a única, buscando ampliar a visão sobre os outros métodos não medicamentosos e utilizar os medicamentos de forma consciente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, L. J. C. Considerações sobre a medicalização: uma perspectiva cultural contemporânea. **CES Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 1-12. DOI: 10.21615/cesp.11.2.1. 2018. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/4229>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, São Paulo: Edições 70. 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-lauren-ce-bardin.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BORTOLI, F. R.; KOVALESCK, D. F.; MORETTI-PIRES, R. O. Medicalização social e bucalidade: a busca pela superação da técnica. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 67-72, 2019. DOI: 10.1590/1414-462X201900010197. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/wBnTyRtvLMXYBvSw9Nk64MJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida: recomendações e estratégias. [recurso eletrônico]**, Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_medicalizacao_recomendacoes_estrategia_1ed.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRITO, M. A. Medicalização da vida: ética, saúde pública e indústria farmacêutica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 9, p. 2554-2556, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000900036&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jan. 2022.

CARVALHO, V. P. **“O que não tem remédio, medicalizado está”**: a incidência da medicalização na adolescência na os impactos da cultura contemporânea. UNIJUÍ – Universidade regional do noroeste do estado do rio grande do sul DHE – departamento de humanidades e educação curso de psicologia: Trabalho de Conclusão de Curso. 2019. Disponível em:



<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6575>. Acesso em: 03 fev. 2022.

CASTIEL, L. D. A dominância das dimensões médicas na sociedade. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 13, n. 420, p. 05-10, maio. 2013. Acesso em: 03 fev. 2022. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao420.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Subsídios para a campanha: Não à medicalização da vida - medicalização da educação**, 2012. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

FARIA, N. J.; FERREIRA, F. E. C.; PINTO, J. P. S. A medicalização do cotidiano como supressão da iniciativa. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 1, 2020. DOI: 10.17648/2447-1798-revistapsicofae-v9n1-6. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/294>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FILARDI, A. F. R.; PASSOS, I. C. F.; MENDONÇA; S. A. M.; RAMALHO-DE-OLIVEIRA, D. Medicalização da vida nas práticas vinculadas à estratégia saúde da família. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**, v. 24, n. 2, p. 421-445, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n2p421.10>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/HHhxq4cFZwzxYTzjKVkp3vy/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

FREITAS, F.; AMARANTE, P. **Medicalização em Psiquiatria [online]**, 2nd ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575415788>. ISBN: 9788575414989. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8tz73>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MORAES, F. A medicalização como um anúncio da qualidade de vida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 13, n. 420, p. 11-14, maio. 2013. Acesso em: 03 fev. 2022. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao420.pdf>.



ROCHA, A. S.; NASCIMENTO, R. S.; ALMEIDA, A. B. A indústria farmacêutica e o interesse capitalista em tratamento de tumores cancerígenos. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. Esp 2, p. 237–246, 2018. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/85>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SILVA, L. M.; CANAVEZ, F. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Revista Subjetiva**, v. 17, n. 3, p. 117-129, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i3.5813>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2022.

SILVA, J. C.; MENDES, C. F. Medicalização da infância: produções de sentido sobre o discurso de profissionais de saúde. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 24, n. 4, p. 393-401, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190039>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2019000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2022.

SILVA, L. L. **Serviço social e saúde mental: o trabalho do assistente social com famílias no campo da medicalização da vida**. 2019. Trabalho Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19913/Silva_Lucas_Leismann_da_2019_TCC.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 mar. 2022.

TESSER, C. D.; NETO, P. P.; CAMPOS, G. W. S. Acolhimento e (des)medicalização social: um desafio para as equipes de saúde da família. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5CPdsP8KcY736w7qnJqg9PJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2022.